

ESCRITA E AUTISMO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Katiane da Silva Varela

katianesvarela@hotmail.com

Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul

RESUMO

A escrita é uma habilidade multidimensional que envolve fatores neurológicos, cognitivos e sociais, sendo essencial para a comunicação, a construção do conhecimento e a inserção social. No caso de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo apresenta desafios adicionais relacionados à percepção fonológica, à coordenação motora fina e à organização das ideias (Justi & Justi, 2019; Silva, 2018). Este estudo investigou as práticas pedagógicas voltadas ao ensino da escrita para alunos autistas, analisando os desafios enfrentados por professores da educação básica e as transformações ocorridas após participação em formação “on-line” fundamentada em metodologias adaptadas e baseadas em evidências. O objetivo específico foi compreender percepções, dificuldades e estratégias de pedagogos e docentes de Língua Portuguesa no processo de alfabetização e produção textual desses estudantes, destacando mudanças após a adoção de recursos como método fônico, ensino estruturado, mapas mentais e instrução diferenciada. Participaram da pesquisa 20 professores, sendo 10 pedagogos dos anos iniciais do ensino fundamental e 10 docentes de Língua Portuguesa do ensino médio. A coleta inicial de dados, realizada em fevereiro de 2024, apontou ausência de formação específica, frustração docente e resultados pouco significativos na alfabetização e na produção textual dos alunos. Em abril de 2024, os professores participaram de formação online sobre metodologias adaptadas, o que resultou em avanços na alfabetização, melhorias na produção textual dissertativo-argumentativa e maior segurança na prática pedagógica. Conclui-se que a formação docente continuada, contextualizada e fundamentada em evidências é fundamental para promover a inclusão escolar, assegurar condições equitativas de aprendizagem a estudantes autistas e favorecer sua participação em avaliações em larga escala, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Palavras-chave: autismo; escrita; letramento; alfabetização; ENEM.

INTRODUÇÃO

A escrita é um dos marcos civilizatórios mais relevantes na história da humanidade, pois possibilita o registro de saberes, a comunicação de ideias e a elaboração de narrativas que sustentam a transmissão cultural e a construção de conhecimento. Aprender a escrever envolve etapas como o reconhecimento fonológico, a associação entre símbolos gráficos e sons, a coordenação motora fina e a produção textual, processos mediados por diferentes áreas cerebrais, como o córtex pré-frontal, o lobo temporal e o cerebelo (Silva, 2018). Para estudantes típicos, esse percurso pode ser desafiador, mas encontra respaldo em metodologias pedagógicas já consolidadas. Contudo, para estudantes com Transtorno do Espectro Autista – TEA, tais etapas apresentam obstáculos adicionais relacionados a dificuldades de integração

sensorial, percepção fonológica e organização de informações (Justi & Justi, 2019). O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014) introduziu a classificação dos níveis de suporte, permitindo uma compreensão mais detalhada das necessidades específicas dos estudantes com TEA. Essa categorização impacta diretamente a prática pedagógica, pois exige adaptações tanto no processo de alfabetização quanto na produção textual, especialmente em gêneros de maior complexidade, como a redação dissertativo-argumentativa exigida no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Nesse contexto, a presente pesquisa buscou investigar como professores da educação básica, atuantes em diferentes etapas de ensino, vivenciam os desafios da escrita de estudantes autistas e quais transformações ocorreram em suas práticas pedagógicas após participarem de uma formação online sobre metodologias adaptadas. O objetivo geral foi analisar os desafios enfrentados por professores da educação básica no ensino da escrita a estudantes com Transtorno do Espectro Autista – TEA e verificar as transformações em suas práticas pedagógicas após participação em formação online baseada em metodologias adaptadas e fundamentadas em evidências e o objetivo específico foi investigar as percepções, dificuldades e estratégias relatadas por pedagogos e docentes de Língua Portuguesa em relação à alfabetização e à produção textual de alunos autistas, identificando mudanças ocorridas após a implementação de recursos pedagógicos como método fônico, ensino estruturado, mapas mentais e instrução diferenciada. A relevância deste estudo está em oferecer subsídios para a formação continuada de professores, ampliando o debate sobre acessibilidade pedagógica e inclusão escolar. Além disso, reforça-se a importância de políticas educacionais que assegurem a implementação de práticas fundamentadas em evidências, promovendo uma educação mais equitativa e de qualidade para estudantes com TEA (Oliveira, 2020).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa, de natureza exploratória, tendo como foco a análise das práticas pedagógicas inclusivas no ensino da escrita a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram utilizados como materiais um questionário semiestruturado, elaborado com questões abertas sobre experiências docentes na alfabetização e produção textual de alunos autistas, além de uma plataforma online de aprendizagem, empregada para a realização da formação dos professores. Também foram disponibilizados materiais pedagógicos digitais de apoio, contendo conteúdos específicos

sobre a alfabetização de alunos com TEA, e apresentados recursos metodológicos adaptados, como método fônico, ensino estruturado, instrução diferenciada, comunicação funcional, mapas mentais e método TEACCH. Participaram do estudo 20 professores da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul, oriundos de diferentes cidades, divididos em dois grupos: Grupo 1, formado por 10 pedagogos atuantes no 1º e 2º anos do ensino fundamental, e Grupo 2, composto por 10 professores de Língua Portuguesa do ensino médio. A coleta de dados ocorreu em fevereiro de 2024, por meio da aplicação do questionário semiestruturado, que permitiu identificar percepções iniciais, dificuldades enfrentadas e estratégias utilizadas no processo de alfabetização e produção textual de alunos autistas. Posteriormente, em abril de 2024, os professores participaram de uma formação online estruturada em dois módulos. O primeiro abordou as características da escrita em diferentes níveis de suporte do TEA, destacando aspectos relacionados à percepção fonológica, à coordenação motora fina e à organização das ideias. O segundo foi direcionado à aplicação de estratégias pedagógicas fundamentadas em evidências, utilizando os recursos metodológicos previamente citados. Os depoimentos docentes obtidos foram organizados e analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), o que possibilitou a categorização em três eixos: (1) ausência de formação prévia, (2) frustração nas práticas pedagógicas e (3) avanços após a formação. Essa metodologia favoreceu a compreensão dos sentidos atribuídos às experiências relatadas e evidenciou as transformações ocorridas nas práticas pedagógicas após o processo formativo.

RESULTADOS

Os resultados apontaram que 100% dos participantes não haviam recebido formação específica sobre escrita no TEA. No Grupo 1, formado por pedagogos, oito relataram já ter trabalhado com alunos autistas, sendo que seis expressaram frustração durante a alfabetização. Um dos depoimentos evidencia essa percepção: “Me senti frustrado ao tentar alfabetizar um aluno sem recursos adequados” (Professora do Grupo 1).

No Grupo 2, todos os professores afirmaram já ter ensinado redação para estudantes autistas no ensino médio, mas relataram não ter observado produções minimamente estruturadas. Uma docente declarou: “Era como se meu aluno tivesse muitas ideias, mas não conseguisse organizá-las em um texto” (Professora do Grupo 2).

Após a formação online, os dois grupos relataram avanços significativos. Os

pedagogos destacaram melhorias no uso do método fônico e de rotinas estruturadas, facilitando a alfabetização. Já os professores de Língua Portuguesa relataram que o uso de mapas mentais e a redução da abstração nos enunciados favoreceram a organização textual. Um docente afirmou: “Com os mapas mentais, meu aluno conseguiu estruturar uma introdução e apresentar um argumento consistente” (Professor do Grupo 2).

Esses achados corroboram estudos anteriores que destacam a importância de práticas baseadas em evidências e ensino estruturado no contexto do TEA (Oliveira, 2020). Além disso, reforçam que a ausência de formação docente inicial ainda é um entrave para a efetivação da inclusão (Justi & Justi, 2019). O DSM-5 (APA, 2014) já aponta para a necessidade de estratégias diferenciadas segundo os níveis de suporte, mas tais orientações ainda não são suficientemente incorporadas nos currículos de licenciatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou a lacuna existente na formação inicial de professores quanto ao ensino da escrita de estudantes autistas. A ausência de conteúdo específicos sobre o TEA gera frustração e insegurança entre os docentes, refletindo negativamente no desempenho dos alunos. A formação continuada ministrada em abril de 2024 demonstrou ser eficaz ao oferecer estratégias práticas e adaptadas, possibilitando avanços tanto na alfabetização quanto na produção de redações dissertativo-argumentativas.

Conclui-se que políticas educacionais que contemplem formações específicas, fundamentadas em práticas baseadas em evidências, são essenciais para assegurar o direito à aprendizagem de estudantes autistas. O fortalecimento da inclusão escolar passa pelo investimento em professores capacitados, capazes de reconhecer as singularidades da escrita no TEA e de propor práticas pedagógicas que promovam equidade.

AGRADECIMENTOS: Primeiramente, agradeço a Deus, pela força e pela sabedoria concedidas ao longo desta caminhada. Agradeço à minha família, pelo amor, paciência e incentivo constante. Aos professores e colegas que compartilharam conhecimentos e experiências, contribuindo para o crescimento acadêmico e pessoal. À Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de estar no atendimento educacional

especializado. E, por fim, a todos os participantes desta pesquisa, que, com generosidade, tornaram este trabalho possível.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

JUSTI, F. R. R.; JUSTI, C. N. Dificuldades de aprendizagem e transtorno do espectro autista: Interfaces com a linguagem escrita. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 36, n. 111, p. 89-98, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/0103-8486.20190015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee>. Acesso em: 04 set. 2025.

OLIVEIRA, A. B. Estratégias pedagógicas para inclusão de alunos com TEA. Revista Educação Inclusiva, v. 14, n. 2, p. 55-70, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47544/redui.v14i2.245>.

SILVA, L. R. Neurociência e aprendizagem da escrita. Revista Brasileira de Educação, v. 23, n. 74, p. 299-315, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018237415>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12345>. Acesso em: 04 set. 2025.